



A mulher que amava demais

by
Beatrice Bergamín

translated by
Viviani Godoy

(excerpt in Portuguese)

Inspirado no conto de Anton Tchekhov, Uma boa mulher

Dedicado à minha irmã Rosario

Uma boa mulher.

Uma cadeira frágil. Sobre a cadeira: um livro de contos russos.

Uma mesa de madeira. Sobre a mesa: uma garrafa de vodka, um copinho, um martelo, uma cabeça de vaca.

Todo o chão coberto de penas.

Ela usa óculos de sol muito grandes. A boca vermelha. O cabelo curto, volumoso e encaracolado. Shorts. Botas altas de cowboy. Um boá negra de plumas cobrindo - às vezes - seu peito.

OLENKA

(Serve um shot de vodka. Fala para o público)

Eu acredito em Deus. *(Bate o copinho na mesa e bebe)*

E nos homens. *(Serve, bate e bebe)*

Eu amo a Deus. E aos homens. *(Serve novamente)*

Eu acredito nos homens como se fossem deuses e em Deus como se fosse um homem.

Eu sou uma boa mulher. *(Bate e bebe)*

Eu sou uma mulher boa. *(Serve)*

Eu tenho minha própria opinião. *(Bate e bebe)*

Eu opino sobre Deus e sobre os homens.

Sobre mim, opinem o que quiserem. *(Serve)*

Eu sei quem eu sou. *(Bate e bebe)*

Eu sou uma mulher que ama demais.

(Começa a se servir. Para)

Demais?

O que é demais?

(Depressa) Os excessos se medem acima ou abaixo do centro? Da esquerda para a direita ou ao contrário? A partir do meio? Qual é o meio e o ponto? E o ponto médio? E até onde vai o que sai do meio? Quanto mede um excesso? Pesa? Quando começa o excesso? A partir de quando começa a ser demais? Quem determina o que é justo, correto ou equilibrado? E a partir de quando o amor, ou isso que se entrega e se sobrepõe, começa a ser demais? Porque o centro, ou o amor, explode e derrama todos

os limites... do amor? E por que não é bom - ou talvez seja perverso - sair dos limites? E quem diz que no excesso está o mal ou no pouco está o bem, ou entre o bem e o mal há um excesso?

Eu, mesmo que não acreditem, tenho minha própria opinião.

Sobre o bem e sobre o mal.

Eu tenho.

Mas não a tenho ao gosto de todos, mesmo que tenha o prazer de compartilhá-la.

Sobre o excesso desmesurado ou o excesso comedido, tenho minha própria opinião.

Agora, vocês, ou pelo menos a metade de vocês, provavelmente pensaram: claro, pobre mulher, que não sabemos se é uma boamulher ou uma mulher boa. Por isso bebe. (Ri) Não, não é por isso.

Não é por nada. É por eles. Por todos que ficaram à margem (*Pega a garrafa de vodka*).

MÚSICA

Olenka dança. Seu corpo se desloca no espaço. As penas levantam do chão.

O amor existe. Deus existe. Os homens existem. O teatro existe. O público existe. A madeira existe. O cheiro de madeira existe. Os animais existem. As doenças dos animais existem. Os contos russos existem.

O teatro é a coisa mais importante e útil do mundo.

A madeira é a coisa mais importante e útil do mundo.

Os animais são a coisa mais importante e útil do mundo.

O amor é o mais importante e útil do mundo.

Ter opinião é a coisa mais importante e útil do mundo.

E eu? Eu sou a menos importante e a mais inútil do mundo?

(Silêncio. Para de dançar. Pára. Olha o livro, não o toca. O livro se abre sozinho, as páginas passam, ninguém toca)

Uma vez eu li um conto russo.

Uma vez minha irmã me disse: você tem que ler os russos. Os russos não contam contos. Os russos são russos e isso é tudo... e isso é nada. Nos contos russos não há tempo para perceber o que acontece porque acontece de tudo, o tempo todo. Há uma luz de inverno, nos contos russos, que me faz ser uma pessoa melhor. Há jardins que terminam, bosques que são vendidos, pessoas que se amam, homens que se calam. E médicos, muitos médicos e também veterinários. Casas de campo, gaivotas mortas, teatros em frente a lagos. Vento. Nos contos russos há filosofia, e isso não sou eu quem diz, foi minha irmã.

(Som: chuva)

O conto russo que li se chama Uma boa mulher, de Anton Tchekhov, que é o russo mais russo de todos os escritores russos. Era verão, não na história, era verão quando li o conto. Estava frio, na história, e no início chovia muito, mas graças a isso, à chuva, ele e ela, começam a conversar. Não desde o início, claro. Primeiro há silêncio e depois eles falam (*Silêncio*). Na vida, as coisas não acontecem assim, por isso acontece o que acontece. As pessoas falam sem silêncio prévio, desesperadamente, de repente começam a falar como se as palavras não tivessem casa ou cama ou lugar no mundo, sem deixar que elas sejam silêncio antes de serem palavras. No conto, como chovia muito, começam a falar sobre a chuva. Do que mais poderiam falar? Porque fariam de outra coisa se era isso que estava acontecendo com eles, juntos? Assim é Tchekhov, eu acho. Pelo menos era no conto que li, a vida. Presente. E este russo se coloca ao lado dela, digo ao lado da vida, nem muito perto nem muito longe, nem na borda nem no precipício, nem no início nem tão perto do fim. Ao meu lado. Eu li esse conto em um trem e não lembro para onde estava indo porque tanto fazia ou porque estava bêbada ou porque eu não queria saber até onde poderia ir. Minhas malas e eu estávamos cansadas, disso eu lembro, e que não parávamos de chorar. Chorar cansa, cansa muito chorar, é exaustivo, esgota a alma. E envelhece. Um homem se aproximou de nós, barbudo, perfumado como se quisesse esconder algum outro cheiro ou dor, com olheiras estratosféricas. Ele não me olhou, nem eu a ele, olhou para minhas malas, isso sim. Sentou ao nosso

lado com sua mochila e com o livro na mão, uma mão longa de pianista russo. E começou a chorar, assim, sem mais, sem fazer nada, sem fazer barulho, sem se importar. Então eu o olhei, fixamente. E aos poucos parei de chorar e minhas malas também pararam. “Como esse trem é exagerado”, pensei, “e tudo o que nos acontece e nós mesmos que choramos tanto e o perfume tão perfumado e a barba tão espessa e o quanto pesam nossas malas e o assunto de não saber para onde vamos. Que exagero”. Então, quanto mais ele chorava, menos eu chorava. Seu choro ficou rítmico, era lindo, ele chorava com tranquilidade.

Depois chegamos a uma estação, ele se levantou, pegou a mochila e desceu do trem. Dentro do seu vazio, no assento, ele deixou seu livro.

(Olha no livro)

Ele o deixou ali, sozinho, em sua toca, e eu o tirei de seu espaço profundo, com muito cuidado, pois tive medo que seu vazio me mordesse porque era um lugar misterioso e também um tanto melancólico, (como o contos russos), e porque temia que o livro pudesse me dar uma câibra ou uma descarga de vida...sei lá.

Abri aleatoriamente quando o trem partiu. Nossa! Um livro russo...me lembrei da minha irmã.

O livro. Só no teatro você pode se tornar um homem verdadeiramente culto.

Eu. Uma boa mulher.

O livro. Sem falar no prazer estético que proporciona.

Eu. Uma boa mulher é boa porque não ama muito.

O livro. Mas o público entende alguma coisa?

Eu. Ela é boa porque não é chata quando ama. Você entendeu?

O livro. (Olenka estava ficando expansiva e radiante com Felicidade)

Eu. A felicidade de quem ama é irritante.

(para de olhar para o livro)

Uma boa mulher não ama muito, ela ama o suficiente para não ser chata. E não foi isso que o conto disse. Eu digo isso, eu, que tenho minha própria opinião.

Eu gosto de homens. Gosto deles até desmaiar. Quando me apaixono escolho me apaixonar, sim, não é uma coisa aleatória que acontece comigo de repente, como se eu fosse estúpida. Eu não sou tonta. Me apaixono justamente porque não sou tonta e por isso não me apaixono por homens tontos, ao contrário, me apaixono por homens que choram. Homens tolos não choram. O corpo dos homens por quem me apaixono entram em meu corpo e meu corpo se torna duplo. Eles, homens e escritores russos, acham que meu corpo se curva, mas não é verdade, o que acontece é que meu corpo duplica. Quando me apaixono, minhas unhas crescem. Meus olhos abrem, meus lábios ardem. Meus dedos se alongam. Meu cabelo cresce, as ideias, as opiniões, as verrugas, as ilusões. Tudo cresce. E as certezas também. Corro para o mercado e compro frutas e flores como se um furacão estivesse chegando, limpo os armários e encho-os de maçãs, encurto todas as barras dos meus vestidos e corto as calças jeans, depilo todo meu corpo e subo as escadas da minha casa subindo e descendo como se tudo em mim fosse o rabo de um cachorro que acabou de sair da gaiola depois de estar preso um inverno inteiro ou dois ou centenas de invernos, russos. O chão por onde ando está cheio de penas. Vôo!

O Teatro

A primeira vez que me apaixonei, tremi tanto que tive câibras por meses. Ele era um homem do teatro. O teatro é a coisa mais importante e útil do mundo. No dia do meu casamento e no dia seguinte, choveu sem parar. E Homem 1 reclamava, reclamava tanto que me apaixonei por ele porque ele reclamava. Desde o primeiro até o último dia, ele não parou de reclamar, e eu, do último até o primeiro, o amei. Amei demais. Ou assim dizem as plumas. Eu cuidava da casa, do teatro, me fazia de anfitriã, espantava os ratos. Emprestava dinheiro aos atores. Às escondidas. E comecei a odiar o público. O público que não vinha ao nosso teatro e o público que vinha, porque nem um e nem o outro entendiam nada. Não desligavam os celulares. Tossiam. Não paravam de tossir. Tossiam por doença, por frivolidade e pra incomodar, tossiam.

Um dia, Homem 1 se foi para Moscou. Foi contratar uma companhia russa para vir ao nosso teatro ou foi trepar com alguma russa. Não sei. O fato é que ele foi embora. Um mês depois, recebi um WhatsApp de alguém dessa companhia russa ou dessa tal russa que estava fazendo companhia a ele. Homem 1 esta morto.

Morto

Ah

Pobre 1...

Morto? Completamente?

Deus Todo-Poderoso.

Onde estava Deus? Onde ele estava? E eu, onde estava?

Eu desapareci. Nada a dizer. Nada a opinar. Nada. Parece exagerado para vocês?

Muitas pessoas pensam que quando você ama demais, você desaparece. Você morre de amor e desaparece? E por isso as pessoas fazem esforços sub-humanos e estúpidos, sim, esforços tolos para não se apaixonar. Mas não é assim, pelo menos comigo é o oposto. Eu me apaguei quando ele se apagou, morri em vida quando ele morreu. Mas não desapareci. Estou aqui, não estou? E eu não me importava se ele tinha ido para Moscou contratar uma companhia russa ou transar com uma russa que fazia companhia para ele. Eu fiquei morta.

Morta por ele, por mim mesma, pelo meu corpo, pelo mercado, pelos armários, pelas maçãs, pelos vestidos, pelas escadas, por todos os invernos, por todos os homens e por todas as coisas que eu fazia com alegria, até então.

Minhas opiniões sobre a morte e a vida, sobre o amor e o tempo, sobre os ratos e os atores morreram comigo. Que tristeza, pensaram alguns e algumas...

(Pausa)

Não foi triste, foi lindo.

Até que numa tarde chegou a primavera, as árvores saíram de sua trégua e tudo cheirava como cheira agora, a madeira.